

8/2/2018 12:54:00 PM - AE NEWS

CENÁRIO-1: NOVA AMEAÇA COMERCIAL DOS EUA CONTRA CHINA PESA EM ATIVOS

No pós-Copom, é o cenário internacional que dita o ritmo dos ativos domésticos nesta quinta-feira. Os mercados como um todo reagiram mal à informação de que os Estados Unidos estão considerando elevar de 10% para 25% a tarifa de importação sobre US\$ 200 bilhões em produtos chineses. A China pediu calma e que Washington corrija sua atitude, mas avisou que, se necessário, irá retaliar para defender seus interesses. Ao longo da manhã, o dólar manteve-se em alta generalizada - menos ante o iene - sustentada ainda pela visão mais otimista do Federal Reserve (Fed) sobre a economia americana, e as bolsas recuaram em Wall Street, na Europa e no Brasil, com exceção da Nasdaq. Desde cedo, o índice de ações de tecnologia avança a partir dos ganhos dos papéis da Apple. Por aqui, o Ibovespa chegou a perder o patamar dos 79 mil pontos e o dólar alçou, nas máximas, os R\$ 3,78, assim como também avançaram os juros futuros, que deixaram a reação ao Copom em segundo plano. Mesmo porque a decisão de manter a Selic em 6,50% era amplamente esperada e o comunicado, na visão dos analistas, não trouxe novidades em relação ao anterior, de junho. No fim da manhã, os mercados locais esboçavam melhora. A Bolsa, de volta aos 79 mil pontos, tinha leve alta,

03/Ago/2018 09:19

assim como o real que passou a oscilar em queda pertíssimo do último fechamento. Os juros flertavam com a estabilidade. De volta ao exterior, o Banco da Inglaterra confirmou a expectativa majoritária e elevou o juro de 0,5% para 0,75%. O presidente da instituição, Mark Carney, reafirmou que as próximas altas de juros serão graduais e limitadas, em meio a vários cenários possíveis para a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), inclusive uma eventual retirada "desorganizada", o que pesou contra a libra.

- [MERCADOS INTERNACIONAIS](#)
- [CÂMBIO](#)
- [BOLSA](#)
- [JUROS](#)

MERCADOS INTERNACIONAIS

As preocupações de uma escalada nas disputas comerciais foram renovadas depois que os EUA afirmaram ontem considerar um aumento de 10% para 25% nas tarifas sobre US\$ 200 bilhões em produtos importados da China, o que levou o gigante asiático a ameaçar retaliação. As bolsas ao redor do mundo recuaram, embora, em Nova York, o índice Nasdaq tenha se destacado em alta, impulsionado pelas ações da Apple. Metais como o cobre recuaram e, com maior

busca por segurança, o dólar subiu ante a maioria das moedas, ajudado também por uma visão econômica mais otimista do Federal Reserve (Fed), enquanto a libra renovou mínimas, após o presidente do Banco da Inglaterra (BoE), Mark Carney, reafirmar que as próximas altas de juros serão graduais e limitadas, em meio a vários cenários possíveis para a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). Nos Treasuries, as incertezas em torno do comércio mundial levaram os yields para baixo na maior parte do tempo, apesar de eles ficarem estáveis em alguns momentos, à espera do relatório de emprego dos EUA (payroll) amanhã. Entre as commodities, o petróleo passou a subir no fim da manhã, em meio a relatos de que os EUA poderiam revisar para cima suas projeções de consumo da commodity.

Ontem, o representante de Comércio dos EUA anunciou que seu país considera elevar a tarifa de importação sobre US\$ 200 bilhões em produtos chineses de 10% anteriormente planejado para 25% diante de uma frustração americana com uma retaliação anterior dos chineses em resposta à tarifa americana sobre aço e alumínio. Hoje, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Geng Shuang, pediu calma e que os EUA "corrijam sua atitude", mas que, se necessário, irá retaliar para defender seus interesses.

Mais cedo, o secretário de Comércio americano, Wilbur Ross, afirmou que o presidente Donald Trump avalia que "potencialmente é a hora de elevar a pressão sobre a China" no comércio. Neste cenário, as bolsas recuaram ao redor do mundo, começando pela Ásia. Nos EUA, o índice Nasdaq passou a operar em alta impulsionado pelas ações da Apple. Entre as notícias positivas, o Citigroup elevou o preço alvo da ação de US\$ 200 para US\$ 230. Às 12h30 (de Brasília), o papel da Apple subia 2,43%, a US\$ 206,40, se aproximando da marca de US\$ 1 trilhão em valor de mercado, que atingirá quando a ação chegar em US\$ 207,05. O Nasdaq subia 0,29%, enquanto o Dow Jones recuava 0,48% e o S&P 500 perdia 0,07%.

Na Europa, as tensões comerciais também pesaram e contaminaram ações de empresas que divulgaram resultados trimestrais acima do esperado, como é o caso do banco inglês Barclays, que reverteu prejuízo e obteve lucro de 468 milhões no primeiro semestre do ano. O papel do banco fechou em queda de 2,69%. A Bolsa de Londres caiu 1,01%, Frankfurt perdeu 1,50% e Paris recuou 0,68%.

Depois de caírem 3% em meio a intensos temores de um confronto comercial entre os EUA e a China, os

preços do metal estenderam as perdas.

Com menor apetite ao risco, a busca por segurança aumentou e o dólar subiu ante maioria das moedas, recuando ante o iene. Contribuiu para o movimento altista a visão mais otimista do Fed sobre a economia dos EUA, ao dizer ontem que o crescimento econômico tem aumentado e que o mercado de trabalho continuou a se fortalecer. Durante a manhã, o destaque ficou com a libra, que chegou a reduzir as perdas ante a divisa americana depois que o BOE elevou sua taxa básica de juros de 0,50% para 0,75%, em decisão surpreendentemente unânime. A moeda, porém, passou a renovar mínimas depois que Carney reforçou que os próximos aumentos serão "graduais e limitados", em meio a um cenário complexo do Brexit, inclusive uma eventual saída do Reino Unido "desorganizada". No horário acima, o dólar caía a 111,43 ienes e o euro recuava a US\$ 1,6113.

A busca por proteção também foi evidenciada nos Treasuries, com os juros em queda a maior parte do tempo. Em alguns momentos, os retornos chegaram a ficar estáveis no aguardo pela divulgação do payroll amanhã. No horário mencionado, o juro da T-Note de 2 anos caía a 2,657% e o da T-Note de 10 anos caía a 2,987%.

Já o petróleo, após cair com o aumento dos estoques nos EUA ontem, passou a subir em meio a relatos de que o governo dos EUA poderia revisar para cima suas projeções de consumo da commodity no país, no âmbito de mudanças em normas sobre limites de emissão de poluentes. Às 12h30, o petróleo WTI para setembro subia 1,91%, a US\$ 68,95 o barril, na Nymex, e o Brent para outubro avançava 1,48%, a US\$ 73,46 o barril, na ICE. (Niviane Magalhães - niviane.magalhaes@estadao.com)

[Volta](#)

CÂMBIO

A guerra comercial entre EUA e China realimenta a aversão ao risco nos mercados internacionais e também apoiou o avanço do dólar ante o real em grande parte do período no mercado à vista. Após tocar na máxima, no nível de R\$ 3,780, apareceram exportadores e tesourarias de bancos na ponta de venda para apuração de ganhos acumulados. Afinal, até ontem, o dólar já vinha carregando ganhos de 1,12% nas três sessões anteriores. Desde o fim da manhã, há ainda ingressos de fluxo financeiro no mercado doméstico. Por isso, a moeda acabou invertendo o sinal e renovou mínimas há pouco, segundo operadores.

No mercado futuro, de outro lado, o dólar para setembro sustenta-se em alta desde cedo, alinhada à valorização da divisa frente euro, libra e moedas emergentes ligadas a commodities. Lá fora, a exceção é o iene, que avança já que é considerado um porto seguro pelos agentes financeiros.

"Houve fluxo financeiro e também do exportador, além do enfraquecimento parcial lá fora do dólar frente a divisas commodities", observa Jefferson Rugik, diretor da Correparti.

A demanda generalizada é induzida pela visão mais otimista do Federal Reserve (Fed) sobre a economia dos EUA, ao dizer ontem que o crescimento econômico tem aumentado e que o mercado de trabalho continuou a se fortalecer. Além disso, o representante comercial dos EUA, Robert Lighthizer, afirmou ontem que o presidente americano, Donald Trump, determinou que o Escritório do Representante Comercial (USTR, na sigla em inglês) considere um possível aumento na alíquota de uma tarifa sobre US\$ 200 bilhões em produtos chineses de 10% para 25%. Hoje pela manhã, a China disse que poderá retaliar, se necessário, para defender seus interesses.

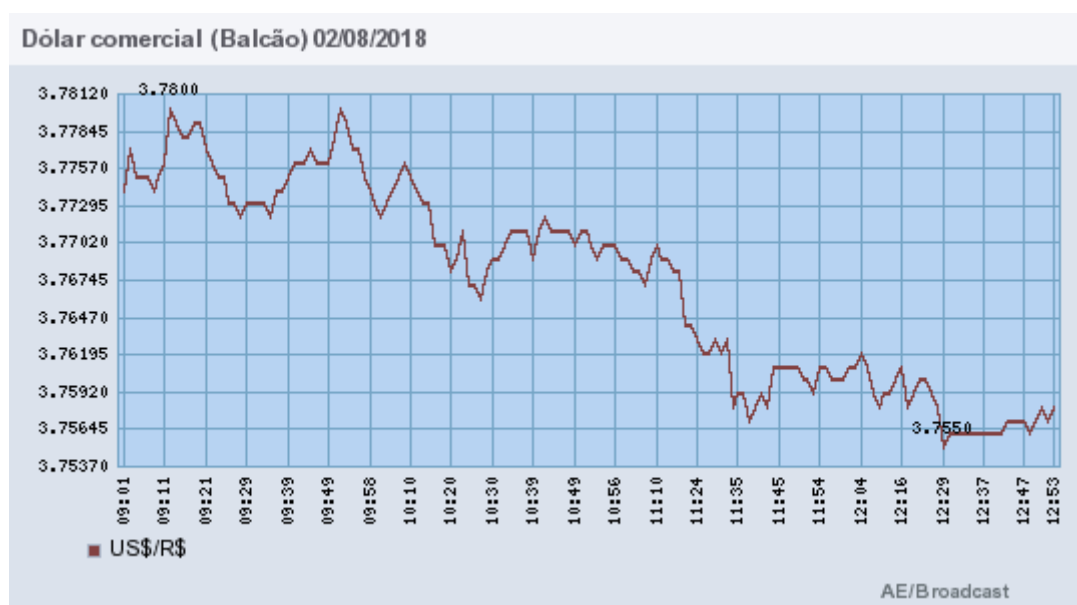
A alta de juros pelo Banco da Inglaterra (BoE) e as

incertezas em torno da saída do país da zona do Euro (Brexit) também pesaram para o enfraquecimento da libra esterlina ante o dólar. O BoE elevou sua taxa básica de juros nesta quinta-feira, como era amplamente esperado, de 0,50% para 0,75%. Com isso, a libra renovou mínima ante o dólar durante a entrevista coletiva do presidente do Banco da Inglaterra (BoE), Mark Carney, que reforçou o gradualismo em relação aos próximos aumentos de juros. Carney demonstrou preocupação em torno do processo de saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), ao afirmar que o BC britânico está preparado para responder a uma margem "ampla" de cenários possíveis, inclusive os mais improváveis, como uma saída desorganizada da UE.

No Brasil, o cenário eleitoral segue no radar, nesta véspera de divulgação de pesquisa Ibope/TV Bandeirantes, feita no Estado de São Paulo, amanhã. Apesar da declaração do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Luiz Fux, de que o ex-presidente Lula está inelegível, o que agrada aos investidores, o mercado segue na defensiva. O advogado Luiz Fernando Casagrande Pereira, que integra a defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), disse que concorda com as declarações de Fux, de que Lula está enquadrado na Lei da Ficha Limpa, mas ressaltou

que a inelegibilidade de Lula é provisória e pode ser afastada por meio de uma liminar do Superior Tribunal de Justiça (STJ) ou do Supremo Tribunal Federal (STF).

Às 12h43, o dólar à vista caía 0,03%, a R\$ 3,7578. No mesmo horário, o dólar futuro de setembro subia 0,24%, a R\$ 3,7710, com giro financeiro movimentado de cerca de US\$ 7,805 bilhões - mais baixo que nos dias anteriores no mesmo período. Até agora, a mínima ficou em R\$ 3,7680 (+0,16%) e a máxima, a R\$ 3,7945 (+0,86%).(Silvana Rocha - silvana.rocha@estadao.com)



Volta

BOLSA

O Ibovespa inicia a tarde em leve alta, mas ainda rondando o último fechamento, depois de passar toda a manhã em queda firme. Na máxima, chegou a exibir sinal positivo (+0,15%) acompanhando as máximas do Nasdaq, do S&P500 e a desaceleração da queda de Dow Jones em Nova York. O tom preponderante na primeira metade do pregão, entretanto, foi negativo, resultado da nova ameaça dos Estados Unidos contra a China. Na quarta-feira, o governo Donald Trump ameaçou oficialmente impor tarifas de 25% sobre US\$ 200 bilhões em produtos chineses e não mais de 10% como antes mencionado.

O pregão tem o embate entre a depreciação de ações com peso relevante no Ibovespa - como Vale ON, Itaú Unibanco PN e Bradesco PN - e a valorização de empresa que divulgaram balanços, como Ultrapar, e Petrobras, que sobe em linha com a alta do petróleo na Nymex (NY) e na ICE (Londres).

Apesar de ter 1,635% de peso na carteira teórica do Ibovespa, a Ultrapar tem relevância no volume hoje, sendo a quarta ação com mais negócios nesta manhã, como ressaltou um operador do mercado de ações. A companhia divulgou um lucro líquido no segundo trimestre de R\$ 240,7 milhões. O valor é 45% acima da média das projeções dos analistas consultados pelo

Prévias Broadcast, que era de R\$ 166 milhões. Na avaliação do JPMorgan, as margens da subsidiária Oxiteno vieram melhores que o esperado, compensando em parte o forte impacto sofrido pelo grupo com a greve dos caminhoneiros, no valor de R\$ 213 milhões.

Entre as ações mais negociadas do dia, estão a PN da Petrobras e ON da Vale, em primeiro e segundo lugar, respectivamente, no ranking dos papéis com maior giro financeiro às 12h29. Nesse horário, o Ibovespa subia 0,09% aos 79.377 pontos. A PN da petroleira subia 2,00%, e o barril do petróleo do tipo WTI avançava 1,52%. Por sua vez, na Nasdaq, a Apple estava prestes a superar a emblemática marca de US\$ 1 trilhão de valor de mercado. A ação da empresa do iPhone subia 2,45%, e o índice de ações de tecnologia subia 0,49%. Já a Vale ON perdia 1,87%, em linha com as perdas de suas pares no exterior como BHP Billiton e Rio Tinto, ainda que essa última caía praticamente o dobro.

Nesta quinta-feira, o Bank of America (BofA) Merrill Lynch alterou de "underweight" (desempenho abaixo da média de mercado) para "neutra" sua recomendação para o mercado acionário brasileiro. Na avaliação da instituição financeira, após uma queda recente, o Ibovespa é negociado atualmente com um desconto de 16% em relação a seus preços históricos. "O

crescimento do ganho por ação [EPS, na sigla em inglês] para o Ibovespa manteve-se estável, sinalizando que a piora ficou concentrada em setores específicos, como consumo e indústria, e não foi disseminada", avalia o BofA, em relatório divulgado a clientes nesta manhã.

Apesar de não ter feito preço, vale destacar o crescimento da indústria em junho ante maio. O IBGE divulgou que houve um aumento de 13,1% da produção nessa base de comparação, indicando que uma recuperação das perdas após a greve dos caminhoneiros. A alta foi o melhor desempenho já registrado em toda a série histórica da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física, iniciada em 2002 pelo instituto. "Não houve surpresa quanto ao resultado. Não é uma tendência de continuidade desse patamar de crescimento", diz o economista Mauricio Nakahodo, do Banco MUFG Brasil. (Karla Spotorno - karla.spotorno@estadao.com)

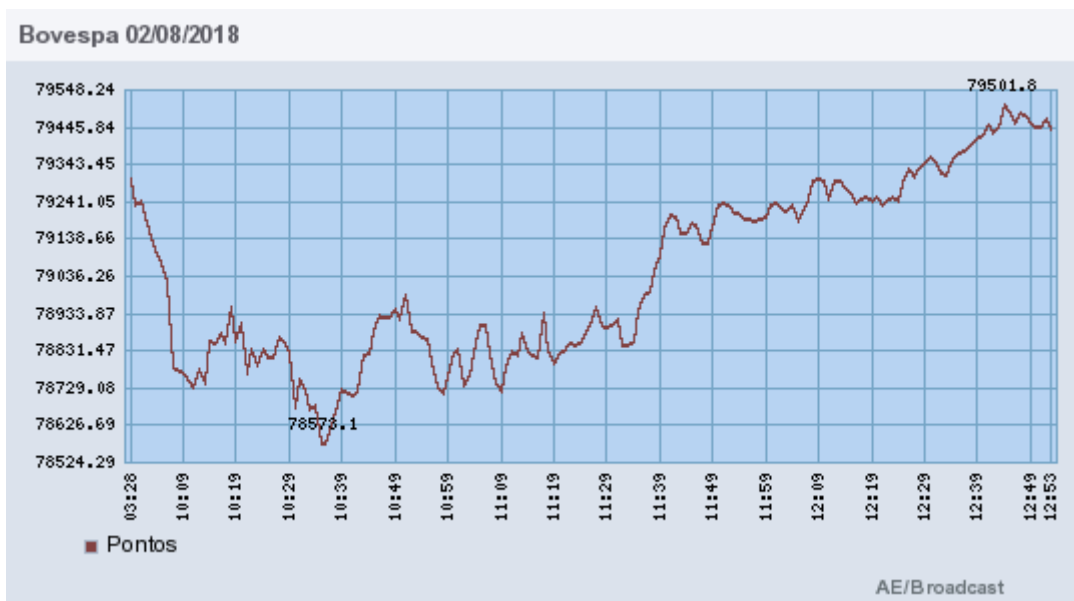
12:53

Índice Bovespa	Pontos	Var. %
Último	79444.17	0.17972
Máxima	79501.80	+0.25
Mínima	78573.05	-0.92

Volume (R\$ Bilhões)	4.05B
Volume (US\$ Bilhões)	1.07B

12:53

Índ. Bovespa Futuro INDFUTQ18	Var. %
Último	79575 0.11953
Máxima	79660 +0.23
Mínima	78540 -1.18

**Volta**

JUROS

A postura defensiva vinda do exterior com as tensões comerciais entre China e Estados Unidos se sobrepõe aos assuntos domésticos nesta quinta-feira, como o Copom, e sustenta os juros futuros em alta desde a abertura. No início da tarde, porém, o movimento perde força acompanhando a desaceleração do dólar. Em segundo plano ficaram o resultado da produção industrial de junho, que subiu mas ficou abaixo da mediana das estimativas, e os leilões tradicionais de títulos do Tesouro, que nesta quinta-feira retomou a venda de NTN-F com lotes menores, após uma pausa de dois meses.

"A razão mais relevante [para alta das taxas] é o estresse lá fora", avalia Pablo Stipanivic Spyer - Diretor de Operações da Mirae Asset. Segundo ele, o fato de o Copom ter deixado em aberto quando começará a subir os juros passos traz leve pressão de alta à parte mais longa da curva.

Ontem o comitê de política monetária do Banco Central decidiu, por unanimidade, manter a Selic em 6,50% ao ano pela quarta reunião consecutiva, o menor patamar desde quando a taxa básica de juro foi criada, em 1996. Mas, em meio à corrida eleitoral, o BC não quis se comprometer como seus próximos passos.

"Acho que o comunicado foi dovish. O BC parece mais otimista, mas o comunicado é ofuscado pelo exterior, novamente por causa da guerra comercial entre Estados Unidos e China", explicou Paulo Petrassi, sócio-gestor da Leme Investimentos.

No comunicado, o Banco Central avalia que a greve dos caminhoneiros, ocorrida entre o fim de maio e o início de junho, prejudicou a atividade econômica e deu fôlego aos índices de inflação, mas seus efeitos foram limitados no tempo. "O Comitê considera que os efeitos dos choques recentes sobre a inflação estão se revelando temporários, mas é importante acompanhar ao longo do tempo o cenário básico e seus riscos e avaliar o possível impacto mais perene de choques sobre a inflação", acrescentou o documento.

Por outro lado, após a forte pressão cambial vista nos meses de maio e junho, o dólar também demonstrou menor volatilidade ante o real em julho, o que contribuiu para a manutenção da Selic. Nos últimos meses, o BC já vinha alertando que não reagiria ao avanço do dólar, mas sim a possíveis efeitos do câmbio sobre os preços dos produtos.

Para o analista de renda fixa da Julius Baer, Alejandro

Hardziej, a incerteza política ainda alta no Brasil antes das eleições presidenciais. "Ainda assim, mantemos nossa visão positiva em relação ao real", avalia em nota a clientes, citando ainda a inflação moderada e a melhora na conta corrente.

Além da cautela com Estados Unidos e China, hoje o Banco da Inglaterra (BoE, pela sigla em inglês) decidiu elevar sua taxa básica de juros nesta quinta-feira, como era amplamente esperado, de 0,50% para 0,75%.

Pela manhã foi divulgado que a produção industrial subiu 13,1% em junho ante maio, na série com ajuste sazonal, abaixo da mediana das expectativas (14,10%) dos analistas ouvidos pelo Projeções Broadcast, que esperavam uma alta entre 8,70% e 17,10%. Em relação a junho de 2017, a produção subiu 3,5% - também abaixo da mediana. Nessa comparação, sem ajuste, as estimativas variavam de um avanço de 0,90% a 7,60%, com mediana positiva de 4,60%. No ano, a indústria teve alta de 2,3%. No acumulado em 12 meses, a produção da indústria acumulou avanço de 3,2%.

Antes da abertura do mercado foi revelado que o IPC-Fipe, que mede a inflação na cidade de São Paulo, subiu 0,23% em julho, perdendo força ante a alta de 1,01% registrada em junho e também em relação à terceira

quadrisessemana de julho, quando o avanço havia sido de 0,26%. O resultado ficou dentro do intervalo das 11 estimativas colhidas pelo Projeções Broadcast, que iam de alta de 0,15% a 0,35%, e levemente abaixo da mediana das estimativas, que era de 0,22%.

Já o IPC-S desacelerou em todas as sete capitais pesquisadas na quarta quadrisessemana de julho ante a terceira medição do mês. No geral, o IPC-S recuou de 0,38% para 0,17% entre os dois períodos. Em junho, a taxa foi de 1,19%, refletindo as dificuldades de abastecimento geradas pela greve dos caminhoneiros no fim de maio.

Às 12h40, o DI para janeiro de 2020 estava em 7,89%, na mínima, de 7,86% no ajuste de ontem. O DI para janeiro de 2021 marcava 8,88%, na mínima e mesma do ajuste anterior, enquanto o vencimento para janeiro de 2023 exibia 10,37%, na mínima e também mesmo nível do ajuste de ontem. O DI para janeiro de 2025 marcava 11,04%, na mínima, de 11,03% no ajuste de ontem.

(Luciana Antonello Xavier -
luciana.xavier@estadao.com)

12:53

DI1FUTF19 DI1FUTF20 DI1FUTF21

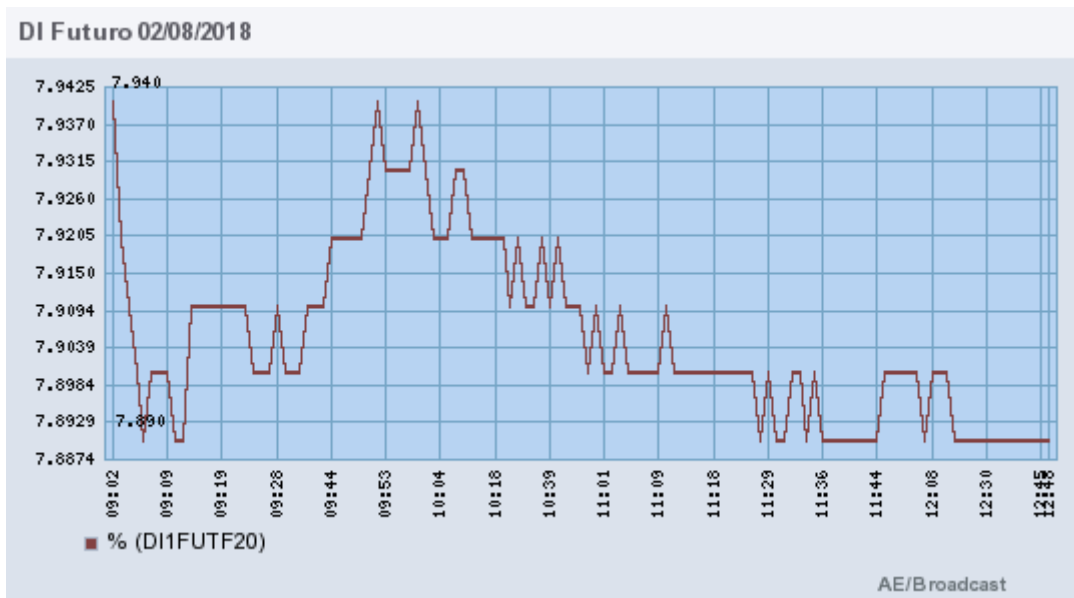
6.620

7.890

8.890

12:53

Operação	Último
CDB Prefixado dias (%a.a)	6.41
Capital de Giro (%a.a)	9.79
Hot Money (%a.m)	1.08
CDI Over (%a.a)	6.39
Over Selic (%a.a)	6.40



Volta